

CONSELHO INDICENTISTA MISSIONÁRIO

CIMI - NORTE II

CEDI - P. I. B.
DATA 24, 09, 86
COD. 080105

UM POUCO DE HISTORIA

1973 Os Missionários do PARÁ e ANAPÁ se encontraram pela primeira vez em ocasião de um seminário promovido pela FUNAI.

SEMINÁRIO FUNAI - MISSÕES

A FUNAI convidou representantes das Missões entre os Índios de todo o Brasil.

Logo na abertura ficou claro que a FUNAI desconhecia propositamente o CIMI.

O Presidente da FUNAI, General BAndeira de Nello convidou a participar / da mesa coordenadora o Pe. Vicente Cezar, em quanto diretor dos Anthropos e não como Presidente do CIMI. O mesmo convidou também um representante da Missão Anchieta, mas apesar de vários Missionários desta missão estarem presentes nenhum deles aceitou o convite. A finalidade do seminário era um convênio entre FUNAI e MISSÕES.

A FUNAI fez em todas as propostas o interesse das duas entidades sendo o Índio objeto de transação. Esta manobra não surtiu efeito devido as denúncias do Pe. Iasi, das violações das terras Indígenas. O clima resultou tenso. As vozações / das propostas uma farsa.

Do nosso regional estavam presentes:

Pe. Frederico de Altamira.

Frei Angélico da missão Tiriyô

Frei Ervano da missão Cururu

Pe. Nello de Macapã.

CURSO PARA OS MISSIONARIOS

Logo depois do Seminário realizou-se no Anthropos um breve curso para / os Missionários e uma reunião à nível do CIMI. A diretoria do CIMI foi reconfirmada e foi aceito o parecer de D. Ivo que o CIMI se tornasse órgão officioso da CNBB pela questão Indígena.

Logo depois o Pe. Egídio como secretário executivo do CIMI, iniciou um levantamento metódico da situação dos Índios, recrutou vozações para a causa Indígenista, e promoveu uma série de denúncias através da imprensa.

As denúncias receberam bom destaque nos mais importantes jornais do país devido à insatisfação dos empresários que queriam forçar o Governo a uma abertura. Padre Vicente não concordou com este método, preferindo um contato amistoso com a FUNAI e amigos políticos para melhorar a situação dos Índios.

Por causa desta divergência o Pe. Vicente entregou o cargo de Presidência do CIMI. Foi substituído pelo D. Tomás Balduino. A FUNAI iniciou o choque com o CIMI proibindo a entrada do Egídio e Jasi nas áreas indígenas em todo Território Nacional.

#### ENCONTRO DE FORMAÇÃO NAS REGIÕES

D. Tomás, Egídio e Jasi iniciaram uma série de encontros e cursos à nível regional e local, para dinamizar e concretizar a Pastoral Indigenista.

Um destes encontros realizou-se em Belém, com a participação dos representantes das missões, representantes do IPAR, D. Ângelo Rivato, religiosas interessadas na causa indígena. Este encontro foi considerado a I ASSEMBLÉIA REGIONAL DO CIMI NORTE II.

#### AS PRIMEIRAS ASSEMBLÉIAS INDÍGENAS NACIONAIS

Neste ano realizou-se também a 1ª assembleia indígena nacional em Diamantino MT.

O ano de 1975 viu a 2ª assembleia indígena nacional na Missão Cururu. De nosso Regional, além dos Mundurucu, estavam presentes os Índios Tiriyó acompanhados pelo Frei Bento, um Índio Galibi e um Karipuna acompanhados pelo Pe. Nello. Paralelamente à assembleia indígena realizou-se uma série de encontros entre os Missionários presentes, Frei R. Ervano e as irmãs da Missão Cururu, D. Tomás, Egídio e Jasi e Pe. Tomás Lisboa. Foram momentos de avaliação, de novas perspectivas e de união pelo encontro de tantos Índios.

#### PRIMEIRA ASSEMBLÉIA NACIONAL DO CIMI

No mesmo ano realizou-se a 1ª assembleia nacional do CIMI em Goiânia.

Iniciava-se outra importante etapa da pastoral indigenista porque pela primeira vez na história da Igreja no Brasil representantes das bases missionárias do país todo se reuniram para traçar em conjunto as linhas de uma ação da Igreja junto aos povos Índios.

Nesta ocasião foi confirmado como Presidente do CIMI D. Tomás Balduino e foram eleitos os conselheiros do CIMI. O Conselho do CIMI começou a se reunir periodicamente a partir desta data e foi o que permitiu dinamizar a Pastoral Indigenista nas bases e criar as premissas para o nascimento dos regionais.

Além do contato direto a única publicação que unia os Missionários era o Boletim do CIMI, que na época da assembleia estava no 4º ano de vida.

A Assembleia de Goiânia marcou, sem dúvida uma guinada na pastoral indigenista da Igreja que se colocou numa atitude nova frente aos povos indígenas. Esta mudança não foi aceita pacificamente. As missões mais antigas e mais estruturadas sentiram dificuldade em partilhar das novas linhas de ação. (cf. conclusões da I Assembleia nacional do CIMI -1975.)

Em nosso regional os representantes da Missão Tiriyô se sentiram prejudicados e desde aquela época o contato entre CIMI e a Missão tornou-se difícil.

**1976** Neste ano realizou-se a primeira Assembléia Geral dos povos indígenas do norte do Amapá, assumida e organizada inteiramente pelos próprios índios.

A nível nacional o CIMI organizou um curso de Indigenismo em Goiânia. Do nosso regional participaram Pe. Nello e Irmã Rebeca. Foi no início deste curso que em Meripi Simão Bororo e Pe. Rodolfo tombaram juntos em defesa da terra Índia. Foi um fato marcante para a vida do CIMI e da Igreja. No mesmo ano Pe. João Roscio deixou sua vida em Ribeirão Bonito.

#### CURSO DE INDIGENISMO E II ASSEMBLÉIA REGIONAL EM BELEM

**1977** Pe. Egon deu uma volta em todo regional a fim de organizar o curso a ser realizado em julho e garantir participação das paróquias na II assembléia regional.

Em julho realizou-se um curso de Indigenismo em Belém promovido pelo CIMI Nacional, e no fim do mesmo a assembléia do CIMI. No curso de Indigenismo houve boa participação de leigos interessados na causa e serviu para sensibilizar a opinião pública.

A participação de missionários se limitou à Irmã Conceição e Sr. Pe. Danilo de Alatanira, (Ir. Conceição da missão Cururu). Os dois saíram chocados do curso.

Na assembléia que seguiu participaram representantes das Dioceses, CPT, IPAR e os missionários Ir. Conceição e Pe. Pedro. Foi nesta ocasião que a Irmã Rebeca, representante da Igreja de Marabá, se ofereceu o tempo parcial para dinamizar a Pastoral Indigenista no Pará.

#### II ASSEMBLÉIA NACIONAL DO CIMI

Em setembro realizou-se a 2ª assembléia nacional do CIMI. Foram reafirmadas as linhas de ação pastoral da 1ª assembléia nacional do CIMI, e se insistiu para a regionalização do CIMI. Do nosso regional os únicos representantes foram Pe. Nello e Pe. Pedro Hermans, vigário de Tucuruí. Pe. Pedro hoje com 74 anos incentiva desde o começo a Pastoral Indigenista.

No mês de setembro o Pe. Nello foi parcialmente liberado para a Pastoral Indigenista a nível regional, permanecendo até 1981 como vigário da paróquia de Olu-poque. O índio Karipuna Alvaro da Silva entrou a fazer parte do Conselho do CIMI.

**1978** foi o ano em que iniciou a atividade a nível regional.

Durante o curso de Indigenismo de 1977 foi feita uma avaliação do compromisso missionário da Igreja e Norte II e a conclusão foi desanimadora.

Nos últimos anos a presença da Igreja nas bases missionárias tinha diminuído e estava difundindo-se uma descrença quase geral sobre a possibilidade e utilidade de um compromisso junto aos índios.

A situação no começo era a seguinte:

#### IGREJA DE MARABÁ:

As duas missões entre os Índios Xikrin do rio Cateté e entre os Suruí tinham sido fechadas. Os Dominicanos tinham-se praticamente retirados da Diocese. O Pe. Carou (Xikrin) tinha se afastado por motivo de doença e a FUNAI tomou conta da missão, utilizando inclusive a infraestrutura criada com tanto esforço. O Frei Gil, autor do contato com os Índios Gavião e Suruí, tinha sido afastado da região por causa da Guerrilha. A FUNAI tomou conta da Aldeia Suruí. Depois de 20 anos de presença / deste missionário, pe. Baltazar continuou visitando os Índios esporadicamente, mas a transformação econômica de Marabá, devido à abertura da transamazônica e do PAPO, a migração de um forte contingente de população por dentro da Diocese, os graves problemas da Igreja com as forças da repressão, devido à presença da guerrilha e a atitude corajosa dos agentes de pastoral frente aos problemas dos posseiros, canalizaram todas as forças da Igreja, afastando momentaneamente a preocupação com os pequenos povos indígenas da região. Porém a preocupação por parte do Bispo permanecia como demonstra a presença constante de um representante desta Igreja nos encontros / do CIMI e a abertura ao trabalho missionário do CIMI.

#### IGREJA DE ALTAMIRA:

Esta Igreja tinha uma tradição de longa data de presença missionária entre os Índios, na pessoa de seu Bispo D. Eurico e dos Irmãos padres-antropólogos Lu Kesch.

A abertura e colonização da transamazônica encontrou esta Igreja despreparada e pobre de pessoal e meios.

O centro de atenção se tornou a cidade de Altamira cuja população tinha dobrado e os novos povoados ao longo da transa.

O padre Frederico, encarregado da pastoral indígena, reunia também os encargos de vigário geral, superior dos confrades, mestre de obra, vigário de uma / paróquia.

O presbitério desta Igreja era composto por um número muito exiguo de padres.

#### SANTARÉM:

No território de Santarém existia a antiga missão Cururu entre os Índios Mundurucu.

Frei Plácido e Frei Edmundo em 50 anos de trabalho criaram uma boa infraestrutura no estilo tradicional. Foram substituído pelo Frei Ervano, sempre continuando a presença das irmãs. A F.A.B. dava apoio através de aviões que passava regularmente e às vezes dependendo da necessidade da missão extraordinariamente.

No fim de 1977 Frei Ervano já pensava em voltar para os Estados Unidos e corria boato que a missão ia ser fechada.

No começo de 1978 Frei Vitor foi designado para substituir o frei Ervano. De qualquer maneira o pessoal da missão estava atravessando uma crise dolorosa vendo diminuir o interesse e apoio das respectivas congregações e sua Igreja.

A Igreja se perguntava se valia a pena desprender tantos meios e pessoas para poucos Índios, e frente à transformação social de que Santarém não era / imune. Do outro lado o pessoal da missão sofria fortes críticas da nossa pastoral indígena. "Dizem que erramos tudo e não dizem o que fazer". A tendência era de fechar e desanimar.

**ÓBIDOS:**

A missão entre os Tiriyo era ainda mais estruturada e mais dependente da FAB do que CURURU.

A missão foi fundada pela FAB e não tem outro meio de comunicação a não ser os aviões da FAB. Frente aos novos rumos da Pastoral Indigenista, depois da Assembléia Nacional de 1975 a missão fechou-se, vendo-se simplesmente atacada. Os contatos posteriores para uma pastoral de conjunto realista e respeitosa sempre foram difíceis, devido ao primeiro contato que deixou enraizadas prevenções e mau entendidos.

O ponto firme de contato foi Frei Angélico que participou de quase todos os encontros do CIMI.

**GUAMÁ:**

Esta Igreja nunca teve uma missão entre os Índios, nem alguma pessoa foi liberada para a pastoral Indigenista. No começo de 1978, de 4 grupos existentes outrora só cerca de 250 Tembê permanecia após um processo rápido de desculturação e miscigenação. Os Tembê nem mais recebiam assistência sacramental através de desobrigas.

**CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA:**

Só alguma família vivendo na periferia de pequenos povoados, permanecia sem mais qualquer vestígio de organização tribal.

**MACAPÁ:**

Esta Igreja nunca possuiu uma verdadeira missão entre os Índios da região.

Os Índios recebiam a visita dos padres durante as desobrigas. SPI antes e FUNAI posteriormente junto com a prefeitura dava assistência aos Índios. Não tinha interesse especial por parte da Igreja local e principalmente por parte do Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras a quem pertence quase todo clero da Diocese, em liberar alguém para a Pastoral Indigenista. O Bispo porém estava aberto e liberou, a pedido da Presidência do CIMI o Pe. Nello Ruffaldi.

**PRIMEIRAS ATIVIDADES A NÍVEL REGIONAL**

No começo de 1978 Pe. Nello e logo em seguida Irmã Rebeca iniciaram o levantamento da situação dos Índios no regional (cf. relatório junho 78) e o contato com as Igrejas locais, do regional todo.

Visitaram as aldeias: Assurini, Gavião do PA-70, Surui, Mundurucu, Tiriyo e mantiveram contato com Pe. Pedro de Tucuruí, D. Alano de Marabá, D. Tiago de Santarém e presbitério, D. Eurico de Alتامira e presbitério, D. Estevão de Conceição e todos os missionários em ativa do nosso regional, da missão Tiriyo e Cururu Frederico de Alتامira e Gil de Conceição.

Os recursos econômicos eram limitados e a atividade intermitente, sem um ponto fixo para pousar e trabalhar.

Nasceu a secretaria no IPAR. A secretária do IPAR, CPT e CIMI foi Cristina. No mesmo ano Cristina transferiu-se para Goiânia e o IPAR teve seu próprio secretário, ficando Jaíne e Isa secretárias da CPT e CIMI.



## PRIMEIRO CHOQUE COM A FUNAI

Em maio de 1978 a FUNAI tentou expulsar o Pe. Nello da Aldeia Espírito Santo dos Índios Karipuna, através da polícia militar. Os índios reagiram e a expulsão não se realizou.

O relatório do acontecimento foi enviado pelo Bispo de Macapá D. José Maritano ao presidente da CNBB Norte II, A presidência da CNBB, a Nunciatura e a Presidência da FUNAI.

D. Angelo Frosi enviou o relatório com carta de acompanhamento para todos os bispos do Norte II, Expressando a sua solidariedade e pedindo apoio. D. Alano como vice-presidente da CNBB norte II fez proposta à Presidência que o representante do CIMI estivesse presente na reunião anual da Conferência Episcopal Regional.

Começou esse relacionamento do CIMI com a Igreja regional, que é uma característica que até agora se mantém: O CIMI é expressão do anseio missionário de nossa Igreja e todas as decisões mais importantes seja a nível pastoral, seja no relacionamento com FUNAI, foram e estão sendo tomadas em conjunto com toda Igreja do regional.

Pe. Nello de acordo com as indicações dos bispos não forçou a entrada nas áreas indígenas da ZDR e aproveitou para visitar os Saterê-Mauês no Amazonas que estava realizando uma assembleia geral.

Em julho chegou a permissão por parte do general SMARTH presidente da FUNAI para visita e permanência em todas as áreas indígenas da ZDR. A ZDR entrou em acordo e o relacionamento com a FUNAI registrou um período de distensão.

## CURSO SOBRE EVANGELIZAÇÃO

Em outubro de 1978 realizou-se o primeiro curso para missionários em Baetetuba, tendo como tema EVANGELIZAÇÃO. D. Angelo Frosi deu apoio e ajuda econômica.

Todos os cursos realizados no norte II desde o primeiro até hoje foram em conjunto com o regional Maranhão-Golês através de Pe. Carlos e Pe. Odilo.

Participaram deste curso:

Irmão Antonio Cecchin e Pe. Alberto da Holanda como assessores.

Pe. Nello, Irmã Rebeca, Pe. Carlos, Pe. Odilo, Frei Vitor, Frei Angélico Pe. Mário, Pe. Zezinho, Raulfo da CPT e Pe. Henrique (AM)

Um dos assuntos tratados foi se pedir ou não a autorização regular da FUNAI para entrada e permanência de missionários nas áreas indígenas.

O consenso geral foi que:

1- A Igreja tem direito e dever de estar presente junto aos povos indígenas.

2- Este grupo pretende exercer este direito.

3- Na conjuntura atual é conveniente regularizar a situação dos missionários diante da FUNAI através da Igreja Regional.

Neste sentido houve um contato formal da presidência da CNBB Norte II com a presidência da FUNAI em outubro de 1978.

### SENSIBILIZACAO DA SOCIEDADE ENVOLVENTE

Em novembro de 1978 em conjunto com várias entidades de Belém foi organizada uma campanha contra o decreto de Emancipação proposto por Rangel Reis.

Antropólogos da região participaram como: Antonio Carlos Magalhães, Regina Muller, Jara Ferraz, os três coordenando projetos entre os Parakanã, Assurini de Kootineno e Gavião do P.A.70.

Participaram da campanha nomes ilustres como Lux Vidal e D. Tomás Balduino entre outros.

No final de uma semana de debates houve um ato público e missa na Igreja de N. S. Aparécida em Belém.

Desta campanha nasceu o G.A.I. grupo de apoio ao Índio. Na época já existia a A.M.A. que manteve-se em ligação com o GAI.

Nesse ano e nos seguintes os grupos de apoio e Associações em favor da causa indígena multiplicaram-se em quase todas as grandes metrópolis do Brasil.

Preparamos subsídios para litúrgia, círculos bíblicos e enviamos para todas as paróquias do regional para serem aproveitados em outubro, mês dedicado às missões.

### OS INDÍOS

Um Karipuna e um Galibi participaram da Assembléia Indígena em São Marcos (MT) - cf. relatório.

Em dezembro de 1978 os Karipuna, os Palikur e os Galibi participaram da Assembléia Indígena em Goiânia, que terminou com o repúdio dos Índios do decreto-lei de Emancipação.

1979 este ano registrou várias frentes de ação na Pastoral Indigenista Norte II, como ilustra o 2º relatório enviado pelo regional que abrange o período de abril 79 até dezembro de 80.

Aqui vamos procurar esquematizar:

#### POVOS INDÍGENAS:

-continuaram a se ampliarem as visitas da Coordenação abrangendo também as aldeias Parakanã, Tembê, Corotire.

.Abril de 79 - Assembléia regional dos Índios Karipuna, Galibi e Palikur na aldeia Karipuna do Espírito Santo.

-implantação de cooperativas indígenas entre os Palikur, Galibi e Karipuna que continuou até hoje.

Abril de 79 - participação de um Índio Galibi, um Karipuna, e um Palikur na semana do Índio em Belém.

Assembléia Indígena em Abaeté, paralela à Assembléia regional. Participaram um Galibi, 1 Palikur, 1 Karipuna, 2 Munduruku. Nesta ocasião nasceu por iniciativa dos Índios o jornal "Mensagem" com a idéia de levar a palavra do Índio

para outros índios.

Em julho de 1979 na Assembléa Nacional do CIMI participaram representantes Índios Mundurucu, Galibi e Karipuna.

Dezembro de 1979 - Assembléa de mulheres Índias entre os Karipuna e Palikur.

### MISSIONÁRIOS

Pe. Mário e Pe. Renato Xaverianos tomaram conta da paróquia de S. Felix do Xingu, incluindo a atividade indigenista entre os Índios Kayapô.

Abril de 79 - III assembléa regional do CIMI norte II - 1ª eletiva. Participaram: Irmã Rebeca, Frei Vitor, Pe. Nello, Pe. Odilo, Pe. Carlos, Frei Gil Pe. Mário, Pe. Zezinho, Frei Angélico, Pe. Bernardo e Ruy.

Foram eleitos coordenadores do regional: Pe. Nello e Irmã Rebeca.

A ênfase da assembléa (cf. relatório da III assemb.) foi na situação das terras indígenas e situações de ~~convergência~~.

Destacou-se o problema de Educação e a necessidade de um curso para os missionários, e a necessidade do estudo da língua.

O porantim, jornal do Norte I para sensibilizar a sociedade envolvente tornou-se jornal amazônico.

Em novembro de 1979 realizou-se em Abaetetuba o curso sobre Educação conforme o pedido da Assembléa Regional Norte II.

Assessores: Irmã Barbara e Consuelo Alfaro.

Participantes: Pe. Nello, Irmã Rebeca, Pe. Carlos, Pe. Odilo, Elizabeth Renda, Verônica Nizzoli, Irmã Conceição, Pe. Zezinho.

Este curso constituiu uma etapa importante em nosso regional. Nasceu daí a necessidade de pessoal especializado em educação indígena.

### SECRETARIA

O trabalho da secretaria aumentou e o CIMI teve a sua secretária na pessoa da Helena. Além da publicação do Mensageiro foram editados as monografias sobre os Tembê, Oyampii e Parakanã e iniciadas campanhas a fim de apoiar o direito destes povos à uma terra. A secretária manteve constante contato com as igrejas do regional e missionários através de um folheto informativo e cartas.

### SOCIEDADE ENVOLVENTE

O acontecimento principal foi a 1ª semana do Índio realizada em Belém do Pará.

CEBEMO nesse ano aprovou o nosso projeto para sustento das atividades do regional e nos tirou do aperto econômico.

1980 foi dedicado a realizar as perspectivas que apareceram na assembléa regional de 79 e mais outras que as circunstâncias impuseram.



As visitas as áreas Indígenas multiplicaram-se e chegamos até os Xikrin do Cateté e aos Oyampii do Amapá. Os Surui e Tembê, além dos Índios da região de Olapoque tiveram uma assistência destacada, por parte da coordenação.

Na missão Cururu Frei Miguel e Frei Vitor iniciaram uma experiência de permanecer nas aldeias mais distantes da Missão.

A falta de Missionárias nas bases começava a preocupar o regional Norte II, mas as tentativas neste sentido (OPAM, CICM, Irmão Tiago de Alagoinhas, Irmã Veronica Nizzolli, Notre Dame) não tiveram êxito.

Em abril o museu Goeldi toma conta da semana do Índio, dando-lhe junto à sociedade envolvente um destaque maior. Neste ano foram convidados pessoas de renome nacional. Foi o ano das "estrelas" e dos muitos recursos. Daqui por diante o CIMI ficará na comissão organizadora da semana, tendo sempre um papel de destaque na realização da mesma.

### CURSOS

Em maio realizaram-se 02 cursos contemporaneamente:

1- Curso de Linguística para missionários em conjunto com MA/60. Participaram: Carlos, Odilo, Rebeca, Nello, Edna e foi ministrado por Ruth Monserrath. Se realizou por metade em Belém e a outra metade na aldeia Karipuna do Espírito Santo. Marcou o início de nossa atividade neste campo.

Paralelamente Mário e Vitor iniciaram o estudo respectivamente da língua Kayapó e Mundurucu.

2- Curso para monitores Índios na missão Cururu. Foi coordenado pela Irmã Barbara à convite de Irmã Conceição.

Foram elaboradas com a participação direta dos Índios uma cartilha em Mundurucu, 2 em português, textos de leitura e 2 cartilhas de matemática.

Irmão Tiago acompanhou na mesma época 1 Índio Galibi, 1 Karipuna e 1 Palikur em visita aos Índios Mundurucu, conforme à decisão que os representantes dos primeiros 03 povos assumiram na assembléia regional em março de 1980.

Sempre na linha de encarnação a Irmã Rebeca desde outubro de 80 permaneceu morando entre os Índios Karipuna até aprender a língua e passá-la para a escrita e organizar a escola indígena em língua Kheuóí.

### VISITA DO PAPA E POVOS INDÍGENAS

O ano de 80 foi marcado pela visita do Papa ao Brasil e foi um momento de grande importância para a causa indígena. Apesar das tentativas e dos convites a participação dos Índios de nosso regional neste acontecimento se limitou a 02 Índios Karipuna e 01 Galibi. Os 03 participaram das duas grandes assembléias indígenas preparatórias ao encontro com o Papa em Brasília e logo depois em Manaus.

Voltaram empolgados, às aldeias, pelo contato com os irmãos Índios e pelas palavras que ouviram por parte dos Índios dirigidas ao Papa e pelas palavras do Papa que falou de verdadeiros povos e nações.

## PANAMAZÔNICO II

Em novembro outro grande acontecimento: O encontro Ecumênico de Pastoral Indigenista em Manaus. Representaram o nosso regional Oí Índio Karipuna e o Pe. Nello.

## ASSEMBLEIA INDIGENA NACIONAL

EM DEZEMBRO A ASSEMBLEIA INDIGENA PROMOVIDA PELO SATARE-MAUES viu uma boa participação de nosso regional: representantes Mundurucu acompanhados pelo Frel Miguel e representantes Tembê e Karipuna acompanhados por Nello e Rebeca.

## F U N A I

A nível de Funai neste ano começou uma especie de guerra fria. Não existia ainda proibição explicita mas a FUNAI fazia de tudo para dificultar a saída de Índios para encontros e assembleias e também a entrada de missionários nas áreas.

## CONFLITOS SANGRENTOS

1980 foi também o ano dos conflitos sangrentos: Depois da morte de 11 peões por parte dos Txucurramães em agosto, os Gorotire mataram 21 pessoas na fazenda Espadilha e os Tembê cansados de <sup>tantas</sup> todas promessas, queimaram a ponte da estrada que atravessa a reserva.

As fotos e as reportagens da provincia do Pará e Liberal criaram uma revolta na opinião pública contra os Índios.

Foi o período em que o CIMI mais atuou junto aos meios de comunicação social (jornal, televisão) para corrigir a imagem negativa quanto aos Índios e colocar os tristes acontecimentos em contexto histórico e geral.

Jornalistas, entidades, antropólogos se reuniram nesta campanha que / continuou por semanas.

## I G R E J A

Quanto a Igreja, a Pastoral Indigenista começou a ter destaque nas reuniões anuais da C.E.R. e figurar nas conclusões da mesma.

## SECRETARIA

Helena, secretária, passou para FASE e Irmã Amelia da Congregação do Imaculado Coração de Maria foi cedida desde o começo do ano para continuar o trabalho, ficando conosco até janeiro de 81.

## SALA

Desde o começo das atividades à nível regional a coordenação não teve um ponto de apoio fixo em Belém. Sentiu-se necessidade de uma casa que servisse de ponto de referência, moradia, trabalho para o CIMI norte II.

A ocasião se apresentou com Rafaela, uma moça que desde o começo nos apoiou. Ela ofereceu a casa dela no bairro do Guamã. Pe. Nello e Irmã Rebeca juntaram dinheiro de amigos e compraram a casa para o CIMI e a Congregação Notre Dame. Para fins legais a casa foi registrada em nome da CNBB regional. Várias casas religiosas contribuíram com o equipamento da mesma.

## UM ANO DIFÍCIL

1981 foi o ano dos contrastes mas também um ano de avanço na caminhada.

Começou bem com uma assembléia indígena na região de Oiapoque e com uma atividade intensa da Irmã Rebeca e Pe. Carlos Ubiatti na mesma região.

Em fevereiro porém Pe. Mário em um lamentável acidente quebrou as duas pernas e depois de muita tentativa de recuperação teve que viajar para a Itália. Ficou Pe. Renato na frente Xinguana, sem desanimar.

Edna chegou no dia 15 de março e tomou conta da casa e da secretaria.

Depois da nossa visita aos Gorotire a FAB proibiu o pe. Nello de utilizar os aviões da FAB em todo território nacional. A motivação apresentada foi a distribuição do Porantim entre os índios. A verdadeira foi a intervenção da FUNAI, junto a FAB acusando o Pe. Nello de uma reportagem contra a FAB que o mesmo teria escrito.

A FUNAI estava apertando o cerco não renovando a permissão de entrada e permanência nas áreas indígenas.

Pela mesma razão só OI Índio Galibi conseguiu participar do seminário em S. Paulo: Índios e direitos históricos. O mesmo pindio tuxaua Felizardo, participou da assembléia da UNI em Aquidauana e logo depois seguiu com Lino Marinha para a aldeia Tembê. Os dois visitaram em seguida a aldeia Galibi e as dos Karipuna na região de Oiapoque. No entanto as portas se fechavam para o CIMI, pensávamos em alternativa de intensificar os contatos intertribais.

A semana do Índio se realizou como de costume em abril e pela primeira vez a FUNAI participou na mesa redonda junto com o CIMI.

## PIORAMENTO DO RELACIONAMENTO CIMI - FUNAI

Em junho de 1981 uma visita entre os Kayapô com D. & Tomãs teve que ser cancelada. A motivação oficial foi que toda aquela área apresentava um surto de epidemia e que as visitas estavam proibidas. A motivação real é que 2DR queria impedir a entrada do CIMI na área, vista como entrave aos seus propósitos.

Houve 02 encontros: o primeiro entre o presidente da FUNAI Roberto de Valga e o Pe. Nello acompanhado pelo Frei Luiz Pinto secretário do IPAR. O segundo

a distância de uma semana entre o Coronel Zanoni e o delegado da 2DR de um lado e o Pe. Nello acompanhado pelo Sabá advogado da CPT do outro. Os dois funcionários da FUNAI propuseram acordo e colaboração nas colocando limitações e normas ao trabalho do CIMI entre os Índios. O CIMI bateu na tecla que acima de qualquer acordo vinha o bem e o futuro do Índio. ( cf. relatório enviado ao CIMI Nacional).

Entre o secretariado central e a coordenação regional houve desacordo no sentido que o primeiro desaconselhou o contato do Pe. nello com Zanoni. Voto a permissão para entrar nas áreas indígenas com a cláusula de avisar sempre a / 2DR.

No mês de julho a divergência com o CIMI Nacional manifestou-se durante a IV assembleia regional do norte II e logo em seguida durante a IV assembleia do CIMI nacional. A opinião comum era de recuar qualquer contato com FUNAI, a do CIMI Norte II era de cumprir as normas legais pedindo a permissão e em caso de recuso entrar do mesmo assunto.

Em agosto de 81 a coordenação visitou os Tembê. A comunidade já tinha aceito lotes familiares com afastamento da FUNAI. Era a emancipação de fato conseguida com as ameaças e pressões.

Fizemos reuniões com cada pequena aldeia dentro da reserva explicando as seqüências da emancipação e a simplicidade da procedura da FUNAI.

Registramos uma fita com as declarações dos Índios, que foi roubada durante a celebração da missa. Na volta para Belém recebemos a notificação da 2 DR proibindo a entrada nas áreas indígenas da 2 DR. Um rádio foi enviado a todos os postos indígenas proibindo a entrada do pessoal do CIMI, principalmente o Pe. Nello. Em caso de entrada tinhamos que ser detidos no posto até a chegada do delegado.

O fato foi notificado aos bispos do regional que reuniões em Belém para a sagração de D. Lino, protestaram contra esta medida em nota oficial publicada pela imprensa.

Iniciou-se uma campanha por parte do CIMI junto a opinião pública denunciando a tentativa de emancipação forçada dos Tembê.

Em setembro durante a assembleia da C.E.R. ( Conferência Episcopal regional) o assunto foi discutido e as conclusões foram que:

- 1- A Igreja não podia acatar a proibição da FUNAI.
- 2- Para que a entrada do CIMI não tivesse conotações pessoais, mas fosse claro o posicionamento da Igreja, cada bispo se comprometia em acompanhar o pessoal do CIMI nas aldeias.

O Pe. Nello foi com D. Elias entre os Assurial do Trocané e entre os Parajoná. Não foi possível realizar a visita com D. Alano entre os Surul e os Índios Karipós não nos receberam.

D. José Maritane encontrava-se na Itália e D. Angelo Frosi o substituiu acompanhando o pe. nello entre os Karipuna. D. Erwin foi visitar os Karipuna do para o chefe de posto que a permissão que tinha era de ser bispo daquela região.

No fim de novembro Nello e Rebeca visitaram os Surul. Voto a notificação da saída e eles ficaram. No fim da permanência chegou o chefe de aldeia.

acompanhado da polícia federal. Considerado a situação e depois de falar com os índios resolvemos segui-los e fomos deixados na casa das irmãs em S. Domingos conforme o nosso pedido.

O conselho pastoral de Marabá assinou uma nota de protesto. Nesse mesmo período se interveio o novo presidente da FUNAI Paulo Moreira Leal tentava entrar em acordo com o CIMI Nacional, fato por nós desconhecido. Resultou disso outra divergência com o CIMI nacional, esta vez por razões opostas à de 1981. O conselho do CIMI Nacional escreveu uma carta na pessoa do seu Presidente, colocando como condição preliminar para um diálogo a fim de hostilidade com Norte II. Isto se concretizou durante a semana do Índio de 82. Nesta ocasião o delegado da ZDR anunciou publicamente que nada tinha contra o CIMI, áles apreciava muito o trabalho do mesmo.

### NOVAS FORÇAS MISSIONÁRIAS

A nível de missionários a atividade não parou.

No Xingu as visitas continuaram regularmente, apesar da falta de Pe. Mário que estava recuperando-se na Itália.

A secretaria se estruturou mais com a presença da Edna trabalhando em tempo integral. O relacionamento com determinadas entidades e grupo de apoio se tornou constante. Em abril Nello foi liberado a tempo integral.

O CIMI ganhou mais uma missionária na pessoa de Amparo que, liberada pela Congregação de Jesus Crucificado foi trabalhar entre os Tiriyo na missão Kuxaré, e mais 02 irmãs foi para a missão entre os Assurini de Koa-tineno.

A ida das irmãs na aldeia Assurini merece destaque especial devido a maneira que se realizou.

As irmãs moram há 30 anos junto aos Tapirapê e a presença delas serviu para que os Tapirapê em via de extinção criasse nova vida. O povo Assurini estava em 81 na mesma situação dos tapirapê de 30 anos atrás.

Os Tapirapê são parentes dos Assurini e falam a mesma língua. Sensibilizados quanto a situação dos Assurini, os Tapirapê concordaram em emprestar as irmãs. Uma família Tapirapê acompanhou as duas irmãs até a aldeia e as deixaram ali como presente muito precioso. Nisto estabeleceu-se um desejo mútuo de contato e troca entre os 02 povos.

Em 82 as irmãs confirmaram a continuação da permanência entre os Assurini e para 83 está prevista uma outra visita dos Tapirapê.

Em julho o CIMI Norte II ganhou mais dois voluntários professores, que foram trabalhar entre os Karipuna de Espírito Santo. São Isafas e Wilson.

### SEGUNDO CURSO DE LINGÜÍSTICA

Em maio realizou-se o 2º curso de lingüística ministrado pela professora Ruth Monserrath em S. Luis do Maranhão. Tinha como finalidade aprofundar o estudo da língua. Participaram: Carlos, Odilo, Amparo, Rebeca, Nello, Teresa de MT e Sílvia de GO.



## IV ASSEMBLÉIA REGIONAL NORTE II

Seguiu em julho IV assembléia regional que contou com boa participação dos missionários da base. A assembléia não tinha tema específico mas visava revisão e planejamento da Pastoral Indigenista.

Participaram Pe. Paulo Suess, D. José Maritano, D. Erwin, Ir. Maria José, Frei Miguel, Frei Angélico, Irmã Amparo, Pe. Renato, Pe. Zezinho, Pe. Nello, Ir. Rebeca, Edna, Ir. Coni representando Pastoral Operária e Paulo representando CPT, Ivana Cesar (voluntária do MA). (Cf. conclusões IV assemb. regional).

Logo depois da assembléia regional 6 delegados seguiram para Culabá juntos com 01 Índio Tembê e 01 Karipuna para participar da Assembléia nacional do CIMI.

## PROJETO EDUCACAO

O projeto educação em Olapoque viu nascer a primeira escola em língua indígena na região devido à presença de Ir. Rebeca entre os Karipuna. Um grupo de jovens e adultos aprenderam rapidamente a escrever a sua própria língua, e redescobrir a identidade cultural junto ao orgulho de ser Índio Karipuna. Nasceu também a 1ª cartilha em língua Kheuól e breves composições sobre a vida na aldeia.

Em 82 dois monitores Karipuna iniciaram a primeira escola na língua ministrada por eles mesmos, com a contínua assessoria da Irmã Rebeca. A experiência foi positiva e contagiou os Índios Galibi que também tiveram a própria escola. No fim de 82 toda região estava pronta e sensibilizada na importância de uma escola na língua, ao ponto de escolher outros monitores indígenas, construir prédio próprio e determinar que nenhuma criança iniciasse o português sem antes ser alfabetizado em sua própria língua. Isto se deu entre os Galibi e duas aldeias Karipuna. Atualmente na região existem 3 escolas na língua e 11 monitores Índios.

O curso de habilitação foi ministrado em fevereiro de 83 em Olapoque.

1982 foi muito rico em realizações e foi caracterizado pelo aparecimento de voluntários leigos e religiosos dispostos a se comprometer no trabalho pastoral junto aos Índios.

A insistência dos Índios Galibi, Karipuna e Tembê em pedir professores enviado pelo CIMI e a urgência de ocupar espaços que ainda no começo do ano a FUNAI fechava e nos motivou na procura e no envio de voluntários / disponíveis só por tempo determinado e sem uma preparação adequada.

Apesar do risco e das inevitáveis dificuldades a experiência foi positiva e desencadeou em processo inesperado.

A ligação de Maria Teixeira e do casal Sebastião e Perpetua com os dois filhos Everton e Júnior com a comunidade de origem (Itapuranga)- Diocese de Goiás desencadeou um interesse na mesma que deu seus frutos. Atualmente esta comunidade além de enviar 02 voluntários para 83 está preparando mais 04 com a participação de um grupo mais amplo de pessoas. Dois rapazes de Minas tiveram também boa atuação entre os Galibi.

Moimã que atuou entre os Tembê está sempre em contato com os mesmos. Além da presença da Moimã os Tembê tiveram assistência semanal por parte de uma equipe de voluntários espanhóis: José Maria, Carmem e Teresa que trabalham em Capitão Poço.

Teresa voltou para Espanha, mas José Maria e Carmem ficaram firmes. José Maria é médico e pretende ficar entre os Tembê com a esposa, Carmem 5 dias por mês, desenvolvendo um trabalho no campo de saúde e conscientização.

Atualmente temos 04 voluntários entre os Karipuna: Sueli, Francisca, Maria Teixeira e Maria Ferreira com a filha Miriam.

Temos 02 voluntárias entre os Tembê: Izabel e Jayne.

Eunice de Santarém aceitou a proposta de ir em maio 83 entre os Índios Suruí. Irmão Rui da Congregação C.I.C.M. foi liberado e está se preparando para trabalhar junto aos Parakanã. Cerca de 10 voluntários estão se preparando em 83 e avaliando o chamado missionário.

É uma nova etapa para o CIMI Norte II e estamos preocupados por falta de uma estrutura adequada que permita uma preparação e avaliação.

Pensamos em realizar o mínimo indispensável neste sentido em colaboração com o CIMI norte I que sente o mesmo problema.

#### NOVAS PERSPECTIVAS NAS IGREJAS DO XINGU E MARABÁ

A sagração de D. Erwin o bispo de Altamira foi uma bênção para a Pastoral Indigenista nesta Igreja. Além de visitar pessoalmente os Índios deu um grande impulso liberando missionários participando em todas as assembleias regionais e incentivando a Pastoral Indigenista.

Semelhante preocupação ainda nota-se na Diocese de Marabá que atualmente conta com 02 missionários liberados, apoio econômico à Pastoral Indigenista e abertura para receber voluntários-missionários, não só por parte do bispo D. Alano, mas por parte do Conselho de Pastoral desta Igreja.

A equipe de S. Félix do Xingu viu-se reforçada pela presença do Pe. Salvador junto ao Pe. Renato e pela volta do Pe. Mário.

O Pe. Frederico, antigo veterano na Pastoral Indigenista da região reiniciará em começo de 83 o contato com os Índios Xikrin do Bacajá.

A nível de povos indígenas, depois de 04 anos de visitas se apresentou neste ano a exigência de um contato de base permanente.

O aparecimento de voluntários-missionários já realizou <sup>este sonho</sup> um próximo futuro.

#### POVOS INDIGENAS

A respeito dos Índios destacamos a assembleia anual dos Galibi, Karipuna e Palikur e que realizou-se no Mês de Janeiro.

Em junho 01 karipuna, 01 galibi e 01 Palikur participaram da assembleia nacional da U.N.I. Os Suruí e Tembê falharam na última hora e os Kayapô desistiram porque na mesma época a ZDR organizou uma assembleia geral entre os Kayapô.

e enviaram convites para o Brasil: Todo, para uma assembleia indígena nacional para o fim de abril de 83.

Foi realizado neste ano o audio-visual Kayapô em duas línguas: Kayapô e português. É o índio que se apresenta ao outro índio e tem como finalidade / promover um mútuo interesse entre índios. Este audio-visual que é o primeiro de uma série, despertou já muito interesse entre os índios Xikrin, Assurini do Tocantins, Parakanã, Palikur e Karipuna.

## V ASSEMBLÉIA REGIONAL NORTE II

A nível de missionários o contato se intensificou.

A assembleia regional que desde o 81 é anual foi bem participada pelo número de missionários e pela riqueza da avaliação e programação.

Participantes: D. Tomás Balduino, D. Erwin, D. José Maritano, Pe. Nello, Irmã Rebeca, Edna, Irmã Anapro, Pe. Renato, Pe. Mário, Frei Vitor, Maria José, Ir. Amélia, Irmã Iolanda, José Maria, Carmem, Teresa e Noêmia.

(cf. relatório das conclusões)

Nasceu depois da assembleia o DESPERTADOR, que é um folheto de contato entre os missionários e voluntários.

Na assembleia de setembro da CER, a decisão mais importante quanto à pastoral indigenista foi a resposta comum a ser dada a FUNAI. A FUNAI tinha enviado propostas de convênio individuais à cada Diocese e missão.

Como sempre até agora a resposta foi conjunta. Tomando como modelo a resposta de D. Erwin a assembleia preparou uma contra-proposta em que simplesmente se afirma o direito da Igreja em atuar junto aos povos indígenas e se pede apoio a FUNAI.

A contra-proposta assinada por todos os bispo do regional não teve resposta até março de 83.

Quanto a sensibilização da sociedade envolvente e Igreja temos que destacar um fato novo: a semana do índio foi assumida este ano pela CNBB à nível nacional. Foram preparados subsídios pelo nacional e oferecidos a todas as paróquias, escolas e grupos interessados.

A conclusão da semana do índio em Belém foi prestigiada pelo arcebispo D. Alberto Ramos, que celebrou uma missa na Basílica de Nazaré transmitida pelo rádio. No museu Goeldi além das palestras à noite se procurou popularizar a semana do índio através de filme e atividades escolares. O tema da semana em Belém foi AUTODETERMINAÇÃO. O CIMI norte II aprontou neste ano dois audio-visuais: o primeiro (no começo do ano com o tema: O índio aquele que deve morrer) Apresenta a história, e a política indigenista oficial e as conseqüências que atingiu os povos indígenas do Brasil. O segundo (no fim de 82 com o tema: O índio: aquele que deve viver) Apresenta os valores da cultura indígena e a violência que sofreram os povos indígenas quanto à terra, organização social, educação e religião.

Os audio-visuais foram propostos à nível nacional a todas as paróquias e estão tendo uma boa saída, em preparação a semana do índio de 83.

## CONCLUSÃO

Este pequeno esboço da história do CIMI Norte II é um esforço para lembrar a caminhada feita no intuito de ajudar na avaliação e na abertura de novas perspectivas para o futuro próximo da pastora! Indigenista.

Belém, 14 de março de 1983.